



LESTE EUROPEU

A guerra dos mil dias

Volodymyr Zelensky, presidente da Ucrânia, aposta em Trump e na diplomacia para pôr fim ao conflito com a Rússia. Moradores de Kiev e de Kharkiv falam sobre os quase três anos de invasão de forças russas e sobre as expectativas de paz

» RODRIGO CRAVEIRO

Oleksandra Matviichuk, diretora do Centro pelas Liberdades Cívicas, despertou naquele 24 de fevereiro de 2022 por volta das 5h (hora local) com o barulho da campanha de sua casa, em Kiev. “Ainda estava escuro e me perguntei quem poderia ser tão cedo. Enquanto meu marido chegou a porta, peguei meu celular e vi dezenas de ligações perdidas. Retornei o último telefonema e foi assim que descobri que os russos tinham lançado uma invasão em larga escala e estavam bombardeando cidades ucranianas”, relatou ao **Correio**. Menos de oito meses depois, a ONG comandada por Matviichuk ganhou o Prêmio Nobel da Paz.

Às vésperas de o conflito entre Rússia e Ucrânia completar mil dias, na próxima quarta-feira, Matviichuk advertiu: “Esta guerra determinará o destino não apenas de meu país, mas o futuro do mundo livre”. Em entrevista a uma rádio ucraniana, o presidente Volodymyr Zelensky afirmou desejar que a paz chegue em 2025 por “meios diplomáticos”. “Do nosso lado, temos que fazer todo o possível para que esta guerra termine no próximo ano. Temos que acabar com esta por meios diplomáticos.”

Na sexta-feira, o líder ucraniano depositou esperança de que o conflito se encerre durante o governo do americano Donald Trump. “Não há dúvida de que a guerra terminará antes com as políticas da equipe que irá liderar a Casa Branca. Essa é a abordagem deles, sua promessa à sociedade”, disse ao meio de comunicação ucraniano Suspilne.

Para Matviichuk, o conflito envolve não apenas duas nações, mas dois sistemas — o autoritarismo e a democracia. “Eu espero que o governo de Donald Trump aplique o princípio da ‘paz através da força’ e trabalhe para restaurar o direito internacional. Putin, como todo ditador, compreende apenas a linguagem da força”, afirmou, ao citar o presidente eleito dos Estados Unidos.

Professor de política comparada da Universidade de Kyiv-Mohyla, Olexiy Haran avalia que Putin fracassou em seu plano inicial. “Ele queria controlar toda a

24ª Brigada Mecanizada das Forças Armadas da Ucrânia/AFP



Soldados ucranianos realizam treinamento em local não revelado, na região de Donetsk (leste)

Ucrânia e transformá-la em um Estado-fantoches ou incluí-la na Rússia. Esse plano entrou em colapso. Em 2022, a Ucrânia liberou metade do território ocupado pelas forças russas”, ressaltou, por telefone. De acordo com ele, o apoio da comunidade internacional para Kiev tem sido insuficiente para a liberação do território. “A Rússia controla um quinto do país, mas quer mais. Moscou declarou que cinco áreas da Ucrânia fazem parte da nação russa.”

União

Segundo Petro Burkovsky — analista da Fundação de Iniciativas Democráticas Ilko Kucheriv (em Kiev) —, nos últimos 997 dias, os ucranianos mantiveram sua independência e testaram um “exército moderno” durante as batalhas. “Nós, ucranianos, nos tornamos mais autossuficientes e mais unidos, enquanto nação”, disse ao **Correio**. “Também ganhamos grande respeito e apreço dos nossos vizinhos europeus. Esses fatores são importantes para a nossa sobrevivência, tanto na guerra, quanto no futuro.”

Ao mesmo tempo, ele reconhece que a Ucrânia perdeu 20% do território e pelo menos 100 mil soldados, além de um número

possivelmente ainda maior de civis. “Isso é imperdoável. Mesmo depois do fim do conflito, perseguiremos os criminosos de guerra russos, do nível mais baixo ao mais alto, em todo o lado, começando pela própria Rússia”, avisou. Burkovsky entende que houve apenas um momento em que a guerra poderia ter chegado ao fim: em 2023, com o motim liderado por Yevgeny Prigozhin, líder do grupo de mercenários Wagner. “Agora, vai depender da escala e do poder da coerção militar e econômica dos EUA. Também do cálculo de Putin de que um confronto direto com Trump terá mais custos e ameaças ao seu poder do que a paz.”

“Durante esses mil dias de invasão russa e de resistência ucraniana, houve muitos momentos tristes e terríveis”, desabafou o jornalista ucraniano Denys Glushko, morador de Karkhiv. Ele relatou ao **Correio** que a pior coisa é ver cidades destruídas e escutar o choro das crianças. “Nesses locais, poucos dias antes, o transporte público funcionava e as cafeterias estavam abertas. Hoje, são pilhas de tijolos queimados, e as ruas estão vazias.”

Glushko citou o massacre de Bucha, a descoberta de uma cova coletiva em Izium e o ataque russo a um hospital infantil de

Kiev como os momentos mais difíceis da guerra. Nem a Rússia nem a Ucrânia informam o número de perdas militares nos combates. No entanto, a imprensa e especialistas estimam o número em várias dezenas de milhares, até mesmo centenas de milhares de mortos.

Justiça

Para Oleksandra Matviichuk, a garantia de justiça para a punição e a reparação de violações dos direitos humanos é uma “tarefa histórica” para os ucranianos. “Os russos cometeram crimes terríveis na Chechênia, na Moldávia, na Síria, no Mali, na Líbia e em outros países. Eles nunca foram punidos por isso. E acreditam que podem fazer o que desejarem”, disse.

Ela vê uma chance de obter a justiça e interromper a impunidade experimentada pela Rússia durante décadas. “Temos que criar um tribunal especial de agressão e responsabilizar Putin e outros criminosos de guerra”, defendeu a ucraniana, que admite a importância do Nobel da Paz para a ONG que comanda. “Os políticos do mundo não escutam a voz dos ativistas dos direitos humanos. O Prêmio Nobel da Paz tornou nossa voz visível.”

Eu acho...

“Quando a Rússia lançou uma invasão em larga escala, nós unimos forças com dezenas de organizações regionais. Criamos uma rede nacional de documentação de violações dos direitos humanos. Ao longo desses dois anos e meio, documentamos 80 mil episódios de crimes de guerra. De forma deliberada, os russos alvejaram prédios residenciais, escolas, hospitais e igrejas. Eles torturam pessoas em ‘campos de filtração’. Também sequestram, estupram e matam civis em territórios ocupados. Para mim, os crimes mais difíceis são aqueles cometidos contra crianças. Cerca de 20 mil crianças ucranianas foram forçosamente levadas para a Rússia. Não temos instrumentos legais para protegê-las.”

Oleksandra Matviichuk, diretora do Centro pelas Liberdades Cívicas, ONG em Kiev laureada com o Nobel da Paz, em 2022



Arquivo pessoal

“Os russos dizem que estão prontos para iniciar as negociações, mas mantendo os territórios ocupados. Essa não é a abordagem correta. Putin apenas entende a linguagem da força. Os serviços de segurança ucranianos têm tomado algumas ações para punir as violações de direitos humanos, como os bombardeios de civis inocentes. O julgamento de Putin e de seus comandantes militares não ocorrerá até que o regime na Rússia entre em colapso. O Tribunal Penal Internacional considerou Putin um criminoso. Por esse motivo, ele não comparecerá à cúpula do G20, no Rio de Janeiro. Ele tem medo de ser preso.”

Olexiy Haran, professor de política comparada da Universidade de Kyiv-Mohyla



Arquivo pessoal

“Gostaria de ver a liderança militar e política da Rússia, incluindo o líder do Kremlin, Putin, enfrentar o castigo que merecem. Não somente eles, mas estas ordens criminosas também poderiam ter sido desobedecidas pelos militares russos e resultaram na morte de ucranianos, tanto civis como defensores da Ucrânia. É possível? Penso que é improvável, embora essas pessoas mereçam os seus próprios novos Julgamentos de Nuremberg.”

Denys Glushko, jornalista, morador de Karkhiv (nordeste)



Arquivo pessoal

A guerra ganhou um elemento insólito: o reforço de soldados da Coreia do Norte que se uniram ao Exército russo, depois que Putin assinou um acordo de defesa mútua com Pyongyang. A Coreia do Sul, a Ucrânia e o Ocidente afirmam que a Coreia do Norte enviou 10 mil soldados para a Rússia para lutar na Ucrânia.

Paulo Delgado



contato@paulodelgado.com.br

TRUMP: A VIDA EMOCIONAL DOS BRANCOS

A partir de 20 de janeiro de 2025, Donald Trump volta a ser presidente dos EUA por 4 anos. Como candidato, Trump se posicionou com a promessa de um retorno à sua forma especial de fazer farra com o sentimento de medo e esperança do eleitor. Volta com uma baixa e, ao mesmo tempo alta, expectativa de previsibilidade de uma agenda mais radical e rompedora sobre temas sensíveis, interna e externamente. É curioso como o desejo do eleitorado por estabilidade se mesclou com as propostas de políticas desestabilizadoras de Trump.

Entender a cabeça do eleitor no presente é que faz prever melhor a cabeça de Trump para o futuro. Difícilmente o rei é melhor do que seus súditos.

Donald Trump concentrou sua campanha no desespero emocional do eleitorado branco, um fator

crucial para sua vitória. De acordo com dados do AP VoteCast, 55% entre todos os eleitores brancos votaram em Trump, enquanto sua oponente, Kamala Harris, obteve 41% desse segmento. No total, 84% dos votos de Trump foram dados por pessoas brancas. A sólida base de apoio a Trump entre eleitores brancos, especialmente aqueles sem diploma universitário, foi reforçada por sua habilidade em conquistar um avanço, ainda que modesto, entre eleitores negros e latinos em comparação com eleições anteriores.

O sistema de classificação racial é excessivamente racializado nos EUA. Em geral, pessoas não majoritariamente negras de origem ibérica ou de países da América Latina são classificadas como “latinas” ou “hispânicas”, de modo intercambiável, como se tal fosse uma raça ou etnia. Ou seja,

negros ibéricos ou latino-americanos são chamados “negros com ascendência hispânica”, enquanto brancos, pardos, indígenas, asiáticos e todas as demais combinações provenientes de países ibéricos ou da América Latina são chamados “latinos”.

Ao analisar o grupo classificado como “branco”, que corresponde a três quartos do eleitorado dos EUA, nota-se que a escolaridade e o gênero foram variáveis importantes. Entre os eleitores brancos sem diploma universitário, Trump teve um apoio mais substancial, com 63% dos votos, enquanto Harris obteve apenas 35%. Essa diferença contrasta com o cenário entre eleitores brancos com diploma universitário, onde Harris liderou com 52%, contra 46% para Trump. Além disso, os homens brancos apoiaram Trump de forma expressiva (62%),

enquanto as mulheres brancas ficaram mais divididas (50% para Trump e 48% para Harris). Esses dados apontam para uma divisão socioeconômica e de gênero entre os eleitores brancos, sugerindo que as questões de classe, gênero e educação influenciaram significativamente o voto, reforçando o apoio a Trump entre quem valoriza mais um retorno a valores conservadores e a padrões econômicos do passado.

Grande parte das raízes do populismo conservador de Trump se encontra no fenômeno de empobrecimento relativo dos brancos de mais baixa educação nas últimas décadas, em um país de maioria branca e que se organizou com instituições de forte conteúdo étnico.

Entre várias descrições e análises das diferentes facetas desse fenômeno, é bem interessante

a feita pelo Nobel de Economia Angus Deaton, em coautoria com sua esposa, a também economista Anne Case. Em sua obra, Case e Deaton apontaram para uma “epidemia de desespero” nos EUA. Em parte, tal está relacionado ao fato de que, desde o início dos anos 1970, o salário médio dos homens nos EUA está praticamente estacionado. Esse congelamento salarial, somado ao aumento das despesas médicas em um país sem um sistema de saúde como o SUS e aos problemas de saúde que causam afastamento do trabalho, é apontado como um dos principais motivos de fadiga e desespero no país.

Tal situação, por conta de algumas instituições fundamentais da psiquê americana, pesa sobremaneira em cima dos homens brancos, em especial daqueles com menor escolaridade. Os quais, em consequência, vêm ou se matando ou tendo suas vidas abreviadas por outras razões. Não só a taxa de suicídio nos EUA é a mais

alta entre países ricos, como os EUA gastam mais com saúde do que outros países de alta renda, mas mesmo assim têm a menor expectativa de vida. Ou seja, um desastre humano, em meio à opulência estruturada de uma forma que está literalmente reduzindo a expectativa de vida.

O retorno de Trump à presidência ocorre em um contexto de tensões sociais e econômicas, no qual o desejo por estabilidade se mistura a um cenário de insatisfação e ressentimento. Suas políticas irão redefinir alianças, distorcer fluxos econômicos e afetar o equilíbrio de poder mundial. Seu governo representa um teste não apenas para a política interna americana, mas também para a estabilidade emocional da ordem global. Hora em que a seriedade dos líderes e instituições dos demais países soberanos precisarão provar que são melhores.

PAULO DELGADO é sociólogo